
Dossiê: Fascismos, 100 anos depois

<https://dx.doi.org/10.34019/2594-8296.2022.v28.38390>

Fascismo feminino latino: primeiras comparações entre a Ação Integralista Brasileira e a Unión Revolucionaria

Latin Female Fascism: first comparisons between the Ação Integralista Brasileira and the Unión Revolucionaria

Fascismo femenino latino: primeras comparaciones entre la Acción Integralista Brasileña y la Unión Revolucionaria

Gabbiana Clamer Fonseca Falavigna dos Reis*

<http://orcid.org/0000-0001-7135-6520>

Vitória de Almeida Machado**

<http://orcid.org/0000-0002-9210-1970>

RESUMO: A América Latina ainda é um tema recente nos estudos sobre o fascismo. Apesar das pesquisas existentes, poucas ainda procuraram analisar a participação das mulheres nesses movimentos. Com isso, busca-se analisar os fascismos na América Latina, especialmente em relação à participação das mulheres em duas organizações: Ação Integralista Brasileira (AIB) e a peruana, Unión Revolucionaria (UR). Nesses países, o fascismo foi para além de um movimento e se concretizou em partidos políticos, possibilitando a visualização de uma estrutura orgânica e organizada politicamente. A partir de uma reflexão inicial, a pesquisa tem como foco a comparação entre as mulheres peruanas e brasileiras, principalmente pela relevância dos movimentos e pela ausência de estudos que trabalhem nessa perspectiva.

* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), integrante do Grupo de Pesquisa Gênero e História das Mulheres (PUCRS) e atua atualmente como acompanhante terapêutica (Clínica TODOS). Se interessa, principalmente, pelos Estudos de Gênero, Teoria *Queer*, psicanálise e cinema. E-mail: gabbireis@gmail.com

** Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), investigadora Associada da Rede "Direitas, História e Memória" e professora de História da rede privada de ensino. Destina seus estudos principalmente sobre autoritarismo, corporativismo, história das mulheres e imprensa. As pesquisas recentes concentram-se em questões relacionadas à História da América Latina, especialmente Peru e Brasil a partir de um viés transnacional e comparado sobre a atuação de mulheres fascistas na década de 1930. E-mail: vitoriamachado.historia@gmail.com

Palavras-chave: Fascismo transnacional. História das mulheres. Ação Integralista Brasileira. Unión Revolucionaria

ABSTRACT: Latin America is still a recent topic in fascism studies. Despite existing works, few studies have sought to analyze the participation of women in these movements. With this, the research seeks to analyze fascisms in Latin America, especially in relation to the participation of women in two organizations: Ação Integralista Brasileira (AIB) and the Peruvian Unión Revolucionaria (UR). In these countries, fascism went beyond a movement and became political parties, enabling the visualization of an organic and politically organized structure. From an initial reflection, the research focuses on the comparison between Peruvian and Brazilian women, mainly due to the relevance of the movements and the absence of studies that work in this perspective.

Keywords: Transnational fascism. Women's History. Ação Integralista Brasileira. Unión Revolucionaria.

RESUMEN: América Latina es todavía un tema reciente en los estudios sobre fascismo y pocos han sido los que han buscado analizar la participación de las mujeres en ellos. Por esta razón, la presente investigación busca analizar los fascismos en América Latina, especialmente en relación a la participación de las mujeres en dos organizaciones concretas: la Ação Integralista Brasileira (AIB) y la Unión Revolucionaria Peruana (UR). En estos países, el fascismo fue más allá de un movimiento y se convirtió en partidos políticos, lo que permitió visualizar una estructura orgánica y políticamente organizada. A partir de una reflexión inicial, la investigación se centra en la comparación entre las fascistas peruanas y brasileñas, principalmente por la relevancia de los movimientos y la ausencia de estudios que trabajen en esta perspectiva.

Palabras clave: Fascismo transnacional. Historia de las mujeres. Ação Integralista Brasileira. Unión Revolucionaria.

Como citar este artigo:

Reis, Gabbiana Clamer Fonseca Falavigna dos; Machado, Vitória de Almeida. "Fascismo feminino latino: primeiras comparações entre a Ação Integralista Brasileira e a Unión Revolucionaria". *Locus: Revista de História*, 28, n.2 (2022): 185-201.

Introdução

Ao longo do século XIX, o espaço considerado apropriado às mulheres foi, essencialmente, o espaço privado, visto que a "natureza humana" delas estava ligada ao lar e à maternidade de forma biológica (Nahes, 2007). Durante os anos 1920 e 1930, esse discurso não se distanciou da

realidade da maioria das mulheres. Entretanto, um grupo não seguiu somente esse caminho: as mulheres fascistas latino-americanas participaram do movimento desde seus primórdios. É inegável o quanto sua presença e forma de liderança foram para além da militância mais padronizada (POSSAS, 2012). Muitos estudos focaram nas mulheres no mundo de trabalho (Rago, 1997), nas militantes de esquerda (Ackelsberg, 2019), naquelas que de alguma forma rompiam com os padrões estabelecidos pela sociedade na busca de maior liberdade e empoderamento. Nas primeiras décadas do século XX, por exemplo, as mudanças sociais, políticas e econômicas modificaram os anos que se seguiram. Nesse contexto, as mulheres fascistas foram agentes históricas importantes.

O fim da Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa e a crise de 1929 contribuíram de maneira decisiva para os movimentos que surgiram na primeira metade do século XX e que seguem presentes até hoje. Além dos debates sobre o conceito de fascismo, existe também uma discussão sobre as possibilidades de se pensar o fascismo para além da Europa, especialmente no continente americano. Entende-se o fascismo como um fenômeno político, social e cultural que se estendeu para o mundo todo em pouco anos no poder.

Dicha crítica al mundo moderno y al sistema liberal, además de la búsqueda por la regeneración en lo político y por poner en marcha una revolución estético-cultural modernista, se extendió al otro lado del Atlántico. Por ello, podemos afirmar que, en efecto, la Era del fascismo no fue sólo europea, sino que se mostró mucho más internacional, penetrando en los discursos y en las prácticas de líderes carismáticos y movimientos políticos alrededor del planeta. (Grecco; Gonçalves, 2022, p. 39)¹

Além dos debates sobre a possibilidade de se pensar o fascismo para além da Europa, por muito tempo o fascismo foi analisado sob uma perspectiva unicamente masculina. A participação e adesão dos homens a tal movimento foram exaustivamente pesquisadas. Isso gerou a história única do fascismo: sempre atrelado ao masculino. Os estudos sobre o fascismo dimensionam, todavia, diversas perspectivas: culturais, políticas, econômicas, sociais etc. Entretanto, as pesquisas sobre as mulheres fascistas são mais recentes. Os casos italianos, espanhóis, alemães e húngaros já possuem algumas pesquisas importantes sobre a temática. (De Grazia 1992; Morant 2013; Passmore 2013; Petõ 2020; Stephenson 1975, 1981; enquanto isso, contudo, as pesquisas sobre as mulheres latinas fascistas ainda são recentes e escassas.

O fascismo enquanto movimento e fenômeno aconteceu em grande parte dos países latino-americanos. Uruguai, Paraguai, México, Chile, Bolívia, Equador, Colômbia são exemplos onde o fascismo se fez presente na década de 1920 e 1930 (Grecco; Gonçalves, 2022). É perceptível,

¹ Essa crítica ao mundo moderno e ao sistema liberal, além da busca pela regeneração política e pelo lançamento de uma revolução estético-cultural modernista, se espalhou para o outro lado do Atlântico. Portanto, podemos afirmar que, com efeito, a Era do fascismo não foi apenas europeia, mas muito mais internacional, penetrando nos discursos e práticas de lideranças carismáticas e movimentos políticos de todo o planeta. (Grecco; Gonçalves, 2022, p. 39). Tradução livre.

porém, que dois países se destacam. Com partidos políticos estruturalmente organizados e discursos bem estabelecidos, foi nesse contexto complexo que no Brasil, com a Ação Integralista Brasileira (AIB), e no Peru, com a Unión Revolucionaria (UR), o fascismo se fez presente partidariamente. Antônio Costa Pinto ressalta a importância que a UR tem na história do fascismo latino: “A UR acabou por se tornar um dos mais importantes partidos fascistas da América Latina, apenas rivalizado pela Ação Integralista Brasileira - AIB- e foi um importante ator nos conflitos políticos do Peru durante a década de 1930.” (Pinto 2021, p. 52)

Se por muito tempo a historiografia pouca atenção deu à AIB e à UR, nos últimos anos pesquisadores têm se voltado a estudar esses movimentos que levaram às ruas milhares de pessoas que compartilhavam de uma mesma cultura política. Entre essas multidões, as mulheres representaram elementos centrais na organização do fascismo latino. Elas, apesar de atuantes nos movimentos, não possuíam cargos e ocupações de liderança ou de poder dentro do organograma de ambos os partidos. Entretanto, percebe-se que as mulheres ocuparam posições estratégicas e suas funções eram consideradas muito importantes para o funcionamento da sociedade corporativista que tanto idealizavam os fascistas.

A partir disso, é preciso, em um *primeiro* momento, destacar os estudos sobre fascismo e a importância de dedicação nessa temática. Em um *segundo*, é essencial contextualizar tanto a realidade do período quanto da AIB com a participação feminina. Por se tratar de um estudo comparado, considerou-se indispensável realizar a mesma reflexão estrutural com a UR. Em um *terceiro* momento, quer-se mostrar as semelhanças e diferenças entre a participação das mulheres em ambos.

Fascismo e mulheres: uma combinação possível?

As análises acerca das mulheres na história podem projetar diversas interpretações, relações e correlações. De toda forma, é oportuno salientar que pensar sobre o papel das mulheres de maneira isolada dos seus contextos de atuação e de suas especificidades possibilita o risco de colocá-las à parte da história, deslocando-as de papéis e ignorando sua participação na sociedade. Acredita-se que entender como as mulheres – e quais – participavam dos movimentos fascistas no Brasil e no Peru viabiliza compreender questões políticas e sociais do período que se analisa via observação de padrões de participação, bem como quebra um ciclo de história único que somente associa essa tendência aos homens. Especificamente, os movimentos autoritários da AIB e da UR tiveram discursos bem específicos para as mulheres e sobre elas. Assim, analisar a participação das mulheres nos movimentos e partidos permite verificar a relação do gênero com a sociedade e com o fascismo em si, e ainda o movimento contrário: a relação do fascismo para com essas mulheres.

Pensar o fascismo para além do continente europeu dos anos 1920-1930 é o que permite que se compreenda de maneira mais profunda e complexa esse fenômeno social que marcou a história contemporânea. Entre tantas possibilidades de estudo dentro da temática, entende-se que as mulheres fascistas possuem pouco destaque nas pesquisas atuais, tanto sobre mulheres fascistas quanto sobre a presença delas nos estudos sobre fascismo de um modo geral. Embora suponha-se que para muitas a participação tenha acontecido de forma quase obrigatória pelas figuras masculinas de suas convivências (pais, maridos, irmãos), provavelmente uma quantidade significativa dessas participantes estavam engajadas ideologicamente, seja por motivos como orientação política, seja por fatores como estrato social e sociabilidades. Logo, entende-se que essa cultura política fazia parte da vida dessas mulheres, das suas personalidades e da sua visão de mundo.

Apesar disso, o fascismo pode ser lido como um movimento promotor de um *ethos masculinista*, isto é, um conjunto de hábitos e costumes socialmente ligados aos homens. Contudo, não se pode pensar que seu projeto político e social visava cercear a participação feminina da política e limitar as mulheres ao espaço do lar, pois, ao idealizar a sociedade e seus indivíduos de maneira orgânica, os movimentos fascistas incorporaram, em certa medida, espaços e lugares para a participação feminina na sociedade idealizada pelas lideranças e pelos intelectuais seguidores desse regime. Portanto, cabia às mulheres sua participação na sociedade, e compreendê-las como passivas nesse processo seria reduzi-las a meras espectadoras de um movimento de massa em que elas tinham um espaço bem delimitado e relevante. (Possas 2004)

A história das mulheres tomou maior espaço na historiografia a partir de 1970. Os estudos sobre as mulheres fascistas também receberam a atenção de diversos historiadores. Em contrapartida, ao comparar os estudos sobre as mulheres fascistas e os homens participantes dos movimentos, percebe-se uma desigualdade muito grande. As mulheres fascistas seguem à sombra da margem na reflexão sobre o fascismo, especialmente as latinas. Mesmo quando surgiram as primeiras obras sobre a complexa relação entre mulheres e fascismo (Stephenson 1975) e em seguida sobre as mulheres fascistas (Morant 2019), as pesquisas sobre o fascismo concederam menos atenção ao objeto do que outras temáticas.

Ao analisar as pesquisas sobre mulheres nos dois movimentos em questão, percebe-se que a UR possui menos estudos que focaram na participação feminina se comparado a AIB. As peruanas fascistas tiveram seções muito breves em obras com a UR como objeto de estudo; portanto, o campo de estudos sobre as mulheres fascistas ainda é pouco explorado.

O dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século foi, assim, traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico, que reunia conservadores e diferentes matizes de reformistas e que acabou por desumanizá-las com sujeitos históricos, ao mesmo tempo em que cristalizava

determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais. (Maluf; Mott, 1998, p. 373)

As mulheres fascistas latinas tiveram ainda menos espaço nas pesquisas e estudos. As produções sobre fascismo focaram-se nos homens, em adição os estudos sobre história das mulheres focaram-se nas mulheres resistentes ao fascismo e, por fim, os estudos sobre mulheres fascistas focaram-se na Europa. Com isso, entende-se que, dentro das pesquisas, as mulheres latinas fascistas ainda seguem negligenciadas apesar de terem sido parte fundamental dos movimentos.

Isso, somada à necessidade de interpretar os fascismos para além da centralidade europeia, incorporou agendas e fenômenos locais à análise da complexidade, não reduzindo essas expressões à mera “importação” de um fenômeno europeu, mas sim abrangendo dinâmicas mais complexas, tais como a incorporação e a apropriação desse movimento. Ainda que haja estudos sobre o fascismo latino-americano feitos por autores que se debruçaram a investigar as suas características sociais, culturais, políticas e econômicas, as pesquisas desse movimento são ainda recentes. Por esse motivo, embora os historiadores busquem entendê-lo, muitas perspectivas ainda podem ser desenvolvidas sobre a temática.

Ainda, os estudos sobre a história das mulheres no fascismo acabam dando foco à resistência ao regime, ao antifascismo e às organizações de mulheres que lutaram contra o regime opressor e persecutório. Não importa se for a Falange Espanhola, a Ação Integralista Brasileira, a Falange Socialista Boliviana, Los Leopardos da Colômbia ou as demais organizações fascistas, o foco das pesquisas, em sua maioria, tradicionalmente visa a estudar as mulheres opositoras aos fascismos. Infelizmente, afirma-se que muito desse distanciamento tem ligação com o passado ainda bastante recente no nosso cotidiano após tantos anos de ditadura civil-militar que o continente viveu. Tanto é verdade que “Há pouca literatura acadêmica sobre as direitas na América Latina, e os trabalhos monográficos sobre cada país continuam incompletos, mesmo que esta tendência esteja sendo revertida, graças a uma nova geração de pesquisadores” (Boisard 2014, p. 88).

Fascismo latino-americano

O fascismo recebeu os olhares de especialistas durante décadas, especialmente sobre a sua origem, a extensão do movimento na Europa e as suas possibilidades de interpretação. Inclusive, um dos questionamentos era sobre a origem do conservadorismo, e a resposta, segundo alguns estudiosos (Nolte 1966; Sternhell 1994), estava na monarquia da Action Française (Arnal 1985), fundamentada pelo pensamento autoritário de Charles Maurras, teórico do nacionalismo integral.

Assim, esse movimento francês embasou o pensamento nacionalista e conservador de diferentes movimentos políticos do século XX (Pinto 1992).

Roger Griffin (2013), compreende o fascismo como uma ideologia mutável, que se adapta a diferentes realidades, percebendo o fascismo primeiramente como um fenômeno cultural e, posteriormente, como um movimento político. Em relação a esse ponto de vista, Zeev Sternhell (1994) vai ao encontro de Griffin nessa ideia. Busca-se a delimitação no contexto da História Política, e, para isso, há o aprofundamento, segundo Serge Berstein (1998), da noção de cultura política, com o propósito de entender a absorção de valores e apropriação de ideias, que serão dotadas de circularidade em torno desse fenômeno transnacional. Vê-se, portanto, a necessidade de recorrer ao conceito que “permite adaptar-se à complexidade dos comportamentos humanos” (Berstein 1998, p. 349-350). Entende-se que variações podem ser notadas, por isso a importância da análise, pois a “leitura do político através da cultura só tem evidentemente interesse se oferecer a possibilidade de melhor fazer compreender a natureza e o alcance dos fenômenos a que se propõe explicar” (Berstein 1998, p. 352). Assim, a utilidade da cultura política está na compreensão e na motivação “que levam o homem a adotar este ou aquele comportamento político”. (Berstein 1998, p. 359)

Além do conceito de fascismo genérico envolto na cultura política, destaca-se a importância das mulheres fascistas como atores históricos e agentes políticos em vários movimentos fascistas europeus. Sabe-se que essas cidadãs, durante muitos anos, ficaram em segundo plano nos estudos históricos, mas com o tempo passaram a ganhar espaço e tornaram-se objetos centrais de pesquisas². Assim, a historiografia busca perceber a mulher como agente histórica de seu tempo e atribuir a sua importância em diversas perspectivas sociais e políticas:

É indiscutível a contribuição da produção historiográfica sobre gênero na ampliação das visões do passado, mas ainda há muito mais por ser feito, já que grande parte dos segredos a serem conhecidos ainda está encoberta por evidências inexploradas. Nesse sentido, os estudos de gênero reconhecem a pesquisa empírica como elemento indispensável para detectar o movimento de constituição de sujeitos históricos, analisando as transformações por que passaram e como construíram suas práticas cotidianas. (Matos 2000, p. 21)

Sejam os países latinos que tiveram movimentos fascistas, sejam os países que chegaram ao ponto de ter uma organização partidária de caráter fascistas, um fato é o mesmo: os fascistas latinos tinham como inspiração a Europa. Costa Pinto (2021) apresenta que o fascismo na América Latina foi fruto de uma equação resultado das influências da Action Française na França, Acción Española da Espanha, Integralismo Lusitano em Portugal e o Fascismo de Mussolini na Itália. Costa Pinto

² Entende-se que, com o avanço da História Cultural, as pesquisas que tinham como foco a figura das mulheres começaram a se destacar. Além disso, os estudos sobre fascismos, ao dialogarem com outras áreas, voltaram seus olhares para outros recortes possíveis dentro da temática.

(2021) ainda reforça que, apesar de haver movimentos fascistas latinos que se inspiravam no fascismo italiano, muitos estavam próximos ideologicamente do nacional socialismo alemão.

Tal era verdade no Brasil e no Peru, onde os movimentos fascistas tiveram o seu maior sucesso político e eleitoral, e onde a AIB de Plínio Salgado e a União Revolucionária (UR- Unión Revolucionaria) de Luis A. Flores apresentavam o corporativismo político como a sua principal bandeira, para não mencionar o clérigo-fascismo dos sinarquistas mexicanos. No caso da AIB, o estado integral reivindicado nos seus manifestos era uma totalidade orgânica, e o seu secretário nacional para a doutrina, Miguel Reale, frisava que o corporativismo integral seria o modelo de representação do Estado Novo. O 'estado corporativo totalitário' era também o objetivo político da UR no Peru. Com toda a sua diversidade, os menores e miméticos partidos fascistas da América Latina seguiam na mesma direção, com todos eles a copiar em algum momento o modelo italiano de forma mais direta; contudo, a sua influência era limitada. (Pinto 2021, p. 24)

Com isso, pode-se afirmar que o fascismo não só esteve presente para além da Europa, como também movimentou um número significativo de membros especialmente na América Latina. Além disso, apesar de haver uma proximidade e inspiração no partido de Benito Mussolini, o fascismo latino terá suas próprias características e formas de funcionamento. Esse mesmo movimento pode ser percebido em outros fascismos europeus em que havia uma tendência de adaptar o modelo italiano e/ou alemão à realidade de cada país, porém sem imitá-lo integralmente.

“Blusas-Verdes”: a participação feminina na Ação Integralista Brasileira

A década de 1930 foi marcada por uma série de mudanças sociais e políticas no Brasil. Um marcador desse período foi a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político, de orientação religiosa cristã e, do ponto de vista doutrinário, inspirado em movimentos e regimes de cunho fascista, especialmente na matriz italiana de Benito Mussolini e intelectuais portugueses, notadamente os intelectuais católicos do Integralismo Lusitano. A AIB durou oficialmente até 1937, quando Getúlio Vargas, a partir de um golpe, instaurou o Estado Novo.

Idealizada ao longo dos primeiros anos de 1930 e sob liderança do intelectual e político Plínio Salgado, a AIB foi inaugurada oficialmente em 7 de outubro de 1932, a partir da leitura do Manifesto de Outubro de 1932, em evento realizado no Teatro Municipal de São Paulo. O documento fundacional do integralismo orientava ideologicamente o movimento e teve como base o fortalecimento com o cristianismo, a proteção da família e a busca e a defesa de um Estado integral, forte e organizado. A AIB chegou a contar com milhares de militantes. Ademais, a base de definição do movimento perpassava a constituição de uma identidade política por meio da oposição entre a defesa de uma sociedade orgânica e doutrinada pelo cristianismo e a contraposição aos valores políticos daqueles que os líderes idealizavam como seus inimigos fundamentais: o liberalismo, o judaísmo, as sociedades secretas, o capitalismo internacional e, fundamentalmente, o comunismo.

Assim, ao mesmo tempo em que o integralismo apresentava um quadro de deterioração das relações sociais por conta da disseminação de valores desagregadores, ele propunha, por meio do nacionalismo integral, a regeneração da nação brasileira e de sua comunidade fundamental, outorgando funções e papéis sociais a toda sociedade. Nesse processo, o recorte de gênero adquiria contornos eminentemente políticos, inclusive em torno da idealização da “mulher integral”.

Com o avanço das atividades e a popularização do movimento, em 1935, a AIB é transformada em partido político, e uma estrutura orgânica e profundamente hierarquizada é constituída em 1936 a partir da criação de Secretarias, como a Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude (SNAFJ), com o papel de orientar, dirigir, controlar e arregimentar todo o trabalho da mulher e da juventude integralista (Trindade 1979, p. 177). O movimento se aprofundou no delineamento dos espaços e das funções sociais determinadas às mulheres.

Nesse viés, Renata Simões (2011) busca identificar e caracterizar as atividades as quais as mulheres foram designadas pelo movimento. A partir de jornais e revistas como *A Offensiva*, *Ananê*, *Brasil Feminino* e *Monitor Integralista*, periódicos oficiais com forte caráter doutrinário da AIB, pode-se perceber que os papéis ocupados pelas mulheres estavam ligados aos problemas sociais encontrados pela sociedade naquele período: o alto índice de analfabetismo, os problemas sanitários e, por consequência, o aumento de doenças. Esses problemas, somados à falta de informação, geraram grandes obstáculos a vencer. Então, procurando a solução para esses problemas, a AIB buscou endossar seu discurso com foco nas questões sociais que assolavam o país e na sua dedicação aos mais pobres do país.

Contudo, é importante salientar que essa era uma estratégia da AIB por perceber a nova posição que as mulheres estavam assumindo na sociedade, principalmente por causa da ocupação de espaços públicos (Possas 2004; Simões 2011). Nessa perspectiva, o discurso integralista visava a concentrar a potência feminina da época para atividades voltadas à assistência social. É válido lembrar que essa postura em relação às mulheres não era discurso exclusivo da AIB, visto que Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, instrumentalizou uma retórica de retorno das mulheres ao lar ou, quando necessário, que suas funções no espaço público fossem extensões dos lares como cuidadoras, educadoras ou enfermeiras.

As mulheres da Era Vargas, em especial no Estado Novo, lidaram com um projeto pedagógico em que o intuito era, principalmente, o retorno da mulher para o espaço privado: o lar, onde elas poderiam servir à família e, conseqüentemente, servir à nação. Ao se ocuparem com os problemas domésticos estariam distantes do contexto político e social. Enquanto mãe, esposa e educadora, as suas funções passaram a ficar, cada vez mais, distantes das atividades masculinas. O discurso autoritário e conservador só reforçava a ideologia dominante em que a mulher ideal era a mãe beatificada, esposa dócil e filha obediente. (Machado 2018, p. 50)

Estudando a postura política das mulheres integralistas, Lídia Possas (2012) desenvolveu sua pesquisa focando-se nas manifestações políticas das “blusas verdes”, nome dado às mulheres integralistas, em complementaridade aos homens “camisas verdes”. Possas (2012) defende que a participação feminina no integralismo ia de encontro às pautas feministas da época. Se, por um lado, as mulheres feministas e integralistas lutavam pela participação política das mulheres, por outro acreditavam em projetos políticos e sociais muito distantes. Participantes de um movimento que tinha como ideal uma sociedade pautada na figura patriarcal, as ‘blusas verdes’ acreditavam que o papel das mulheres na AIB não poderia romper com o que era esperado delas: cristãs, mães e conservadoras. Entretanto, é inegável que a participação das mulheres na AIB possibilitou uma esfera de participação nos debates políticos e sociais do período.

A doutrina integralista defendia a construção do Estado Integral, através da manutenção de um sistema rígido e disciplinado de relações e órgãos hierarquizados e seletivos de cidadãos. Apesar de formular um discurso de “revolução” reforçava as bases tradicionais e conservadora de uma sociedade patriarcal-machista, onde a presença feminina poderia ser incorporada politicamente, desde que se mantivesse as ideias basilares da constituição familiar, do sentimento cristão, sem esquecer “nunca de sua condição de mãe, esposa, filha”. (Possas 2012, p. 24).

Pensando em termos de um Estado, uma sociedade e uma humanidade integral que incluía as mulheres, os integralistas acreditavam que cada um tinha um papel a ser desempenhado para o bom desenvolvimento da nação. O papel das mulheres, por sua vez, era o de criar bons integralistas na educação de casa com seus filhos e apoiar os maridos para que eles pudessem exercer seus próprios papéis. Sobre a relação matrimonial e o integralismo, era constante a participação das mulheres no movimento, todavia cotidianamente orientada pela participação desempenhada pelos seus maridos.

As mulheres integralistas não eram somente aceitas dentro do movimento, mas também estimuladas a participar dele. Deveriam fazer parte desse modelo de nação, pois precisavam criar filhos com uma forte base religiosa. Eram elas que dariam à luz os novos integralistas. (Gonçalves; Caldeira Neto 2020, p. 31)

Ou seja, vê-se que a participação das mulheres fascistas na AIB nem sempre foi incentivada ou aceita pelos integrantes homens do partido. Mais uma vez, pode-se perceber e concluir que a participação das mulheres não se dava somente por pressão de alguma figura masculina, e sim por compartilhar de uma cultura política fascista. Apesar da resistência da parte masculina do partido e do movimento, a participação das mulheres não deixou de acontecer.

As fascistas brasileiras também não receberam calorosas boas-vindas, pelo menos não ao princípio: predominava a concepção do integralismo como um movimento de natureza masculina, provavelmente porque, em si, os integralistas viam a política como uma “cause constructed as male” e, portanto, inadequada à ‘natureza’ feminina. (Morant 2019, p. 131)

Mesmo com o momento histórico de estimular o retorno das mulheres ao lar, a integração feminina na AIB possibilitou uma participação das mulheres em espaços públicos como as escolas

de enfermagem, por exemplo. Para cumprir o papel que era destinado a elas na contribuição da “sociedade integral”, as fascistas tiveram que se profissionalizar em diversos casos para cumprir com primor o que era esperado delas. Com isso, as mulheres fascistas não seguiam piamente o que a sociedade esperava delas: donas de casa, mães e filhas.

Não se pretende, é claro, afirmar que a participação das mulheres em movimentos fascistas possibilitou uma quebra de paradigmas ou mudança radical na postura, mas sim salientar que as mulheres fascistas, de certa forma, romperam com os papéis sociais que lhes eram designados. Outrossim, é importante destacar que as integralistas podiam atuar em outra frente que não diretamente no movimento. As mulheres donas de casa também teriam seu papel desempenhado com a educação dos filhos e o cuidado com o marido. Para isso, as revistas cumpriam uma função muito importante: narrativa atrativa com conteúdo para o lar como decoração e acessórios (Possas 2012).

Camisas negras: a participação feminina na Unión Revolucionaria

A Unión Revolucionaria (UR) foi o maior movimento fascista peruano. O partido teve suas origens entre 1931 e 1933 e apoiou o general Luis Miguel Sánchez Cerro, autor de um golpe militar que derrubou o presidente Augusto Leguía. Segundo Tirso Morales (2006), não havia um programa político claramente definido. Sánchez Cerro tornou-se presidente com o apoio das massas e por suas características autoritárias. Com um governo breve de 16 meses, estabeleceu uma política de repressão contra os inimigos políticos, notadamente a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA).

Com o assassinato de Sánchez Cerro por um estudante em uma rebelião armada da oposição ao regime em 1932, ocorreu uma dissidência interna. Dessa forma, o partido passou a ser liderado por Luis Alberto Flores, que estabeleceu uma radicalização da proposta da UR, tornando o grupo de expressão abertamente fascista. A UR foi considerada, então, um movimento de expressividade, inclusive por seus congêneres integralistas. De acordo com os integralistas brasileiros, o grupo dos “camisas negras” é apontado como um “movimento de opinião e cultura, de caráter espiritual e nacionalista [...], quer tudo pelo Peru para os peruanos” (Barroso 1936, p. 169).

Assim, cabe ressaltar que, além dos termos de afinidades ideológicas em torno do fascismo latino-americano, existiam similaridades em seu conteúdo programático e propositivo, como a oposição ao liberalismo e ao comunismo. Contudo, apesar de similaridades centrais, a UR apresentava características únicas, seja em torno do contexto político local, principalmente na oposição à APRA, seja em características transversais do fascismo internacional, as quais não

encontravam forte ressonância no caso de fascistas brasileiros, diferenciando-se destes, como no caso da xenofobia, mormente por causa dos ataques à imigração japonesa e chinesa, povos considerados “geneticamente inferiores” e responsáveis pelas taxas de desemprego no país. Ademais, em defesa do corporativismo, a UR identificava o fascismo italiano como modelo a ser seguido. (Sánchez 1987). Dessa forma, os “camisas negras” faziam aparições públicas a fim de mostrar seu autoritarismo:

Así, tal como lo presenta, en una edición especial, el periódico urrista Acción, del 21 de septiembre de ese año electoral [1936], aquel mitin central del PUR implicó el despliegue de toda una dramaturgia elocuentemente fascista donde destacó el multitudinario y muy emblemático desfile de la militancia urrista, desde la Plaza Unión hasta la plaza San Martín, en el cual y, desde su condición de vanguardia, marcharon rotundamente las milicias de “Camisas Negras”, apareciendo en la “retaguardia” y, también, con gran entusiasmo la militancia de la “Sección Femenina”. De esa forma, el urrismo dio un claro mensaje escenográfico del esencial carácter político-militar de su organización, lo cual se ligaba, y no tan implícitamente, a su estrategia de poder totalitario (Morales 2004, p. 43)³

Inclusive, ao contrário do quadro brasileiro, que buscou definir categorias e papéis sociais de gênero ligeiramente definidos desde sua fundação (e que iria se aprofundar na transformação em partido), durante os anos iniciais da UR, as mulheres não tinham um setor no organograma do partido. Yolanda Coco, considerada uma autêntica heroína pelos fascistas peruanos, sendo ela a principal figura feminina do partido, apresentava-se como “líder do feminismo urrista”⁴. Todavia, com a morte de Sánchez Cerro e a tomada de poder do então ministro de governo Luis A. Flores, o partido passa por uma reorganização em 1933. A partir de então, a UR se apresentou claramente como fascista e passou a ter um espaço delimitado específico para as mulheres: a Secretaria General del Comité Central Feminista. A criação da secretaria significou uma série de compromissos e funções específicas às mulheres do partido. A importância de Yolanda Coco foi muito significativa para a UR

Noticias que corresponden precisamente a la importancia que ya tenía en el urrismo la presencia de su lideresa feminista Yolanda Coco. Esta mujer participó en el sanhecerrismo desde los inicios del movimiento y se vinculó al PUR también desde los primeros momentos de su fundación. Sin embargo, su presencia protagónica se define luego de la muerte de Sánchez Cerro, desde la instancia orgánica que se crea, a la que ella hizo una contribución decisiva. (Morales 2004, p. 273)⁵

³ Conforme apresentado pelo jornal Urrista Acción, em edição especial de 21 de setembro daquele ano eleitoral [1936], aquela reunião central do PUR envolveu o desdobramento de toda uma dramaturgia eloquentemente fascista onde se destacou o maciço e muito emblemático desfile da militância Urrista, desde da Plaza Unión à Plaza San Martín, onde, desde o seu estatuto de vanguarda, as milícias de ‘Camisas Pretas’ desfilaram de forma circular, surgindo na ‘retaguarda’ e, também, com grande entusiasmo, a militância da ‘Secção Feminina’. Assim, o Urrismo deu uma clara mensagem cenográfica do caráter político-militar essencial de sua organização, que estava ligada, e não tão implícitamente, à sua estratégia de poder totalitário. (Morales 2004, p. 43) Tradução livre.

⁴ Acredita-se que o conceito de “feminismo” não seja o contemporâneo. Leva-se a crer que, ao falar sobre feminismo e feministas, os movimentos da época estavam fazendo relação ao feminino, uma vez que as ideias fascistas não corroboravam com os movimentos feministas da época.

⁵ Notícia que corresponde justamente à importância que a presença de sua líder feminista Yolanda Coco já teve no urrismo. Essa mulher participou do sanhecerrismo desde o início do movimento e esteve vinculada ao PUR também

A participação e importância da militante Yolanda Coco foi uma espécie de “virada de chave”, isto é, uma reconfiguração no pensamento sobre as mulheres fascistas da UR. Ao ser presa acusada de tentativa de golpe de Estado, fez com que as mulheres fossem vistas de formas diferentes. Se antes as mulheres eram enxergadas de forma passiva, como meras sombras masculinas, Coco permite que as mulheres sejam reconhecidas de forma atuante e com caráter de liderança. Não é de se espantar que um movimento fascista dos anos 1930 colocasse as mulheres ainda em situações secundárias na organização dos partidos e nas tomadas de decisões, mas é inegável que a figura feminina de Coco fez com que a participação das mulheres urristas fossem repensadas.

Se constituía en un símbolo en general del partido que permitía situar el protagonismo de la mujer en un ámbito inédito para el sanchecerrismo. Así, el estatus de la mujer urrista va más allá de aquella imagen masculina conservadora que era, como se observó, el punto de partida en las relaciones de género al interior del urrismo. Con el protagonismo de Yolanda Coco, observamos que se va configurando un nuevo arquetipo en el urrismo. El arquetipo de la mujer fascista, que si bien va a mantenerse jerárquicamente siempre en un plano auxiliar y complementario en relación al rol del varón en el urrismo, deja de ser la anterior “muchacha sanchecerrista” para devenir en una mujer más audaz y más protagónica. (Morales 2004, p. 285)⁶

Apesar da participação significativa das mulheres na UR, os próprios membros acreditavam que as participações femininas deveriam ser limitadas. Exemplo disso foi a Constituinte de 1932, na qual Magda Portal, líder do setor feminino da APRA, propôs o voto universal, e a UR rejeitou a proposta e votou apenas pelo sufrágio municipal. (Morales 2004)

Não obstante fosse grande o impacto que teve na sociedade e na política peruana, a UR atuou por um período limitado no contexto da chamada Era Fascista. Em 1936, após o término do período de gestão de Sánchez Cerro, uma nova eleição foi chamada pelo então presidente e ditador Óscar Benavides. Nessa eleição, o candidato da oposição, Luis Antonio Eguiguren, teve a maioria de votos nas urnas, porém Benavides considerou as eleições fraudulentas, pois a APRA (que nesse período estava na ilegalidade) teria apoiado o candidato. Com isso, Benavides foi eleito de maneira indireta pelo Congresso e se manteve no poder até 1939.

desde os primeiros momentos de sua fundação. No entanto, a sua presença protagonista define-se após a morte de Sánchez Cerro, a partir da instância orgânica que se cria, para a qual deu uma contribuição decisiva. (Morales 2004, p. 273) (tradução livre)

⁶ Tornou-se um símbolo geral do partido que permitiu colocar o protagonismo da mulher em um ambiente inédito para o sanchecerrismo. Assim, o status da mulher urrista vai além daquela imagem masculina conservadora que foi, como observado, o ponto de partida das relações de gênero dentro do urrismo. Com o protagonismo de Yolanda Coco, observamos que um novo arquétipo no urrismo está tomando forma. O arquétipo da mulher fascista, que, embora permaneça sempre hierarquicamente em um plano auxiliar e complementar em relação ao papel do homem no urrismo, deixa de ser a anterior “menina sanchecerrista” para se tornar uma mulher mais ousada e mais protagonizada. (Morales 2004, p. 285) (tradução livre)

Como mais um ponto de similaridade entre os fascismos latino-americanos, além de ser uma característica marcante das utilizações dos meios de comunicação de massa pelo fascismo internacional, entre os anos de 1933 e 1936, a UR utilizou a imprensa como ferramenta de propaganda autoritária e conservadora. Essa utilização ocorreu principalmente por meio dos jornais *La Batalla*, *Acción*, *La Opinión* e *Crisol*. Nesse ínterim, esse período foi marcado pela formação da Legión de Camisas Negras, agrupada pela juventude da UR. Utilizando-se de uma simbologia, como a saudação com a mão direita estendida, estabeleceu-se a organização de um fascismo peruano nos moldes da organização italiana, que era ativa no Brasil com a AIB (Morales 2006).

Assim como no caso brasileiro, o transnacionalismo é evidente no processo político fascista peruano, a ponto de haver uma missão da polícia fascista italiana, que buscou reorganizar as investigações policiais do país a partir do apoio do presidente Óscar Benavides à UR. Nesse viés, o crescimento político foi notório quando em 1936 alcançou votação expressiva nas eleições de novembro. Entretanto, a ditadura Benavides anulou as eleições e estendeu o governo até 1939; com isso, assim como os integralistas que passaram a ser perseguidos por Getúlio Vargas a partir de 1937 com o Estado Novo, a UR também realizou uma conspiração contra o governo, fato que causou a desintegração do movimento e a perseguição dos seus líderes.

Sendo assim, o destino de Luis Flores, assim como o de Plínio Salgado, foi o exílio; no entanto, a deportação do primeiro ocorreu para o Chile, ao contrário do brasileiro, que teve Portugal como seu destino (Gonçalves 2018). Do mesmo modo que no Brasil, os militantes foram perseguidos e presos pela ditadura, oficializando não o fim do fascismo, mas da legalidade partidária dos movimentos fascistas no Brasil e no Peru. Tal qual o Brasil, a participação das mulheres peruanas contou com uma organização institucional com a “Secretaría general del Comité Central Feminista”. (Morales 2006)

Conclusão

As análises sobre os fascismos, tanto na Europa quanto na América Latina, tiveram maior espaço na historiografia devido ao avanço das análises transnacionais. As mulheres fascistas também se tornaram objetos de estudos apesar de ainda haver lacunas históricas e diversas possibilidades de pesquisa sobre a temática. Tanto a AIB quanto a UR permitem analisar o fascismo na América Latina em uma perspectiva transnacional e comparada de maneira institucional, uma vez que ambos os movimentos chegaram a ser partidos políticos. Além, é claro, de ser ingênuo pensar o fascismo apenas como masculino.

Essa introdutória investigação procurou mostrar, além das possibilidades de pesquisa, a participação das mulheres nos partidos fascistas latino-americanos. Ambos partidos com origens

conservadoras e reacionárias tinham um viés focado na figura masculina da sociedade e cabia às mulheres os papéis secundários e domésticos. Todavia, é notório que a participação das mulheres fascistas na AIB e na UR não passou despercebida. Elas conquistaram papéis importantes dentro da organização partidária e ocuparam espaços que durante anos lhes foram negados.

Ademais, é importante ressaltar que fica comprovado que não se deve pensar as mulheres fascistas como apenas seguidoras das escolhas de figuras masculinas. As mulheres fascistas latinas compartilhavam de uma cultura política e tinham agências nos partidos, haja vista a ocupação de certos cargos como líderes das Secretarias dos partidos. Essas agências que elas tiveram podem ir além de semelhanças e diferenças (essas trabalhadas inicialmente nesse texto), pois é possível perceber um padrão de atuação das mulheres. Apesar das suas ativas participações, ambos os partidos tinham setores separados por gênero, restringindo a participação às secretarias destinadas às mulheres. Tanto a UR quanto a AIB possuíam espaços destinados às mulheres e suas participações foram muito significativas. Ainda, vale destacar que a participação das mulheres nos dois partidos se deu de forma distinta, porém não menos importante: enquanto a AIB possuía mulheres no Conselho Superior do partido e no comando da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos, a UR possuía a Secretaría General del Comité Central Feminista e a figura de Yolanda Coco como uma grande liderança no movimento não somente de mulheres, mas de todo o partido.

Nesse sentido, o debate comparativo entre a AIB e a UR possibilita diversos estudos, que podem vir a ampliar as pesquisas sobre o fascismo latino, notadamente sobre as mulheres latinas fascistas, que representam uma ampla gama de possibilidades de investigações no campo historiográfico. É necessário identificar, pois, a participação feminina nos movimentos fascistas, principalmente evadindo das barreiras territoriais europeias. Dessa forma, será possível nomear a presença fascista e, mais ainda, a atuação feminina nessa mobilização, em busca, primordialmente, do impedimento de que movimentos autoritários voltem a ser uma realidade na América Latina.

Referências bibliográficas

- Arnal, Oscar L. *Ambivalent Alliance: the Catholic Church and the Action Française 1899-1939*.
- Ackelsberg, Martha A. *Mulheres Livres: a luta pela emancipação feminina e a Guerra Civil Espanhola*. Trad. de Rabahie, Júlia. São Paulo: Elefante, 2019.
- Barroso, Gustavo. *Integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- Berstein, Serge. “A cultura política”. Em: *Para uma história cultural*, org., Jean-Pierre Rioux; Jean-François Sirinelli. Lisboa: Estampa, 1998.
- Boisard, Stéphane. “Pensando as direitas na América Latina objeto científico, sujeitos e temporalidades?” *Varia História*, v. 30, n. 52, p. 85-100, 2014.
-

- De Grazia, Victoria. *How Fascism ruled women. Italy, 1922-1945*, Berkeley, Los Angeles & London, University of California Press, 1992.
- Gonçalves, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.
- Gonçalves, Leandro Pereira; Odilon Caldeira Neto. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.
- Grecco, Gabriela de Lima (Org.); Gonçalves, Leandro Pereira (Org.). *Fascismos iberoamericanos*. 1. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2022
- Griffin, Roger. *The nature of fascism*. Abingdon: Routledge, 2013.
- Machado, Vitória Almeida. “Para além de bordadeiras: a representação feminina nos periódicos *Jornal das Moças e Modas e Bordados* durante os Estados Novos (1937-1945)”. Dissertação de mestrado, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica, 2018.
- Maluf, Marina; Mott, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: Novais, Fernando; Sevcenko, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- Matos, Maria Izilda S. de. *Por uma História da mulher*. Bauru, SP: Edusc, 2000.
- Morales, Tirso Anibal Molinari. “El partido Unión Revolucionaria y su proyecto totalitario-fascista. Perú 1933- 1936”. *Revista Investigaciones Sociales*, n. 16, año X, p. 321-346, 2006.
- Morales, Tirso Anibal Molinari. “La Unión Revolucionaria 1931-1939: una aproximación a la historia del fascismo en el Perú” –Tese de doutorado, Lima, Pontifícia Universidad Católica del Perú, 2004.
- Morant I Ariño, Toni. Uma primeira aproximação comparada ao fascismo feminino no Brasil e na Espanha, 1932-1937. *Locus: Revista de História*, v. 25, n. 2, p. 121-137, 2019.
- Morant I Ariño, Toni. *Mujeres para una “Nueva Europa”*. Las relaciones y visitas entre la Sección Femenina de la Falange y las organizaciones femeninas nazis, 1936-1945, València, UV, PhD Thesis, 2013.
- Nolte, Ernst. *Three faces of fascism: Action Française, Italian Fascism, National Socialism*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966.
- Nahes, Semiramis. *Revista FON-FON: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- Passmore, Kevin. *Women, Gender and Fascism in Europe, 1919-45*, Manchester, MUP, 2003.
- Pető, Andrea. *The Women of the Arrow Cross Party. Invisible Hungarian Perpetrators in the Second World War*, Cham: Palgrave, 2020.
- Pinto, António Costa. *A América Latina na era do fascismo*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2021
- Pinto, António Costa. *O salazarismo e o fascismo europeu: problemas de interpretação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Estampa, 1992.
- Possas, Lidia M. Vianna. As blusas verdes e as Marchadeiras. Movimentos de mulheres e de participação política nos anos 30 e 60. *Revista Nuevas Tendencias en Antropología*, n. 3, 2012, pp. ??.
- Possas, Lidia M. Vianna. Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38). Em: *Escrita.*, A.C. GOMES (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004;
- RAGO, Margareth. “Trabalho feminino e sexualidade.” In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.
-

Sánchez, Luis Alberto. *Testimonio personal. Memorias de un peruano del Siglo XX. El purgatorio 1931-1945*. Tomo II. Lima: Mosca Azul Editores, 1987.

Simões, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: jul. 2011.

Stephenson, Jill. *Women in Nazi Society*. London: Croom Helm, 1975.

Stephenson, Jill. *The Nazi organisation of women*. London: Croom Helm, 1981.

Sternhell, Zeev; Sznajder, Mario; Asheri, Maia. *El nacimiento de la ideología fascista*. Madrid: Siglo XXI, 1994.

Trindade, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. 2. ed. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979.

Recebido: 10 de julho de 2022

Aprovado: 27 de agosto de 2022